



LILIANE DARDOT: A EXPERIÊNCIA DE UMA ARTISTA MINEIRA NA OFICINA GUAIANASES DE GRAVURA

LILIANE DARDOT: LA EXPERIENCIA DE UNA ARTISTA DE MINAS GERAIS EN EL OFICINA GUAIANASES DE GRAVURA

Adriano José de Carvalho
PPGAV – UFBA

RESUMO

O artigo reflete sobre a presença da artista mineira Liliane Dardot na Oficina Guaianases de Gravura, coletivo artístico existente entre as décadas de 1970 e 1990 na região metropolitana do Recife, demonstrando as influências e contribuições recíprocas entre a artista e o referido atelier de gravura. Embasado principalmente na entrevista que a artista nos concedeu em outubro de 2023; na investigação dos documentos administrativos da Oficina e na análise do acervo litográfico assinado pela artista, este trabalho apresenta importantes memórias de sua infância e juventude; sua trajetória no coletivo, e uma breve reflexão sobre suas gravuras relacionadas ao período da ditadura militar no país. Liliane Dardot fez da Guaianases o seu espaço de amadurecimento artístico e profissional, enquanto deixava sua marca como artista associada, diretora e educadora nessa experiência colaborativa da arte em Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE

Liliane Dardot. Oficina Guaianases de Gravura. História da arte. Litografia em Pernambuco.

RESUMEN

El artículo reflexiona sobre la presencia de la artista Liliane Dardot en el Oficina Guaianases de Gravura, colectivo artístico que existió entre las décadas de 1970 y 1990 en la región metropolitana de Recife, demostrando las influencias y contribuciones recíprocas entre la artista y el mencionado colectivo. Basado principalmente en la entrevista que la artista nos concedió en octubre de 2023; a partir de la investigación de los documentos administrativos del Guaianases y en un análisis de la colección litográfica firmada por la artista, este trabajo presenta importantes recuerdos de su infancia y juventud; su trayectoria en el colectivo, y una breve reflexión sobre sus grabados relacionados con el período de la dictadura militar. Liliane Dardot hizo de Oficina Guaianases su espacio de maduración artística y profesional, al tiempo que contribuye al crecimiento de esta experiencia artística colaborativa en Pernambuco.

PALABRAS CLAVE

Liliane Dardot. Oficina Guaianases de Gravura. Historia del arte. Litografía en Pernambuco.



Um Coletivo em torno da litografia

Há 50 anos atrás, a vontade de aprender e de aventurar-se por novas técnicas, levaram dois artistas a iniciar uma experiência pelo campo da gravura, sem nem imaginarem que tal iniciativa se transformaria num dos principais coletivos artísticos de Pernambuco: a Oficina Guaianases de Gravura. Em 1974, João Câmara Filho buscava incrementar a sua série 'Cenas da Vida Brasileira', introduzindo outras possibilidades do fazer artístico para além da pintura, aproximando-se mais uma vez da litografia, que tivera conhecido e se encantado, alguns anos antes, por meio de seu amigo e também artista, Gastão de Holandaⁱⁱ (Câmara, 2010, p. 109).

João Câmara convida Franklin Delano, que a pouco havia chegado de uma temporada artística em São Paulo, para juntos montarem o atelier de gravura numa pequena casa localizada na Rua Guaianases, zona periférica da cidade do Recife. Com uma prensa, algumas pedras calcárias emprestadas pelo "Seu Chiquinho", dono da antiga Gráfica Apolo, e a experiência técnica dos impressores Alberto Barros e Hélio Soares, os dois artistas começaram uma frutuosa produção litográfica. Aos poucos, o atelier da Rua Guaianases foi acolhendo outras (outros) artistas que também buscavam experienciar a litografia, favorecendo a divisão das despesas, a organização do ambiente e a viabilidade de projetos coletivos, como a realização de exposições e outros eventos (Otero, 2008, p.41).

É nesse processo de crescimento constante que, em 1979, o grupo decide formalizar-se de modo jurídico, surgindo oficialmente a Oficina Guaianases de Gravura, uma sociedade sem fins lucrativos que buscava a prática e difusão da gravura artística. Nesse mesmo ano, através de um acordo firmado com a prefeitura de Olinda, foi permitido ao grupo ocupar uma parte do Mercado da Ribeira, como sua nova sede. Em contrapartida, a Guaianases assumiu o compromisso de ajudar no desenvolvimento da cultura e da arte no município, além de doar mensalmente uma gravura produzida na Oficina ao acervo da Fundação do Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda. Nos anos seguintes, a Guaianases acolheu dezenas de exposições coletivas e individuais em sua sede, realizou vários cursos ligados ao campo do desenho e da gravura, além de expor a sua produção litográfica em várias



capitais do país, tornando-se uma referência da gravura pernambucana naquele momento. Após um período de séria crise financeira, em 1995, o coletivo fechou suas portas, doando todos os seus bens para a Universidade Federal de Pernambuco que assumiu o compromisso de preservar e difundir a história e a produção da Oficina Guaianases de Gravuraⁱⁱⁱ (Câmara, 2015, p. 17).

Na pesquisa doutoral que estamos realizando, conseguimos identificar mais de 200 artistas associadas(os) à Guaianases durante toda a sua existência. Mesmo em menor número, se comparado com o quantitativo de artistas homens, várias artistas mulheres ingressaram na Oficina visando principalmente o seu processo de legitimação profissional. Sendo inegável a participação das mesmas no desenvolvimento desse coletivo e das artes visuais em Pernambuco.

Na Guaianases, algumas associadas se destacaram na dimensão formativa por meio dos diversos cursos artísticos que ministraram tanto para os novos membros do grupo como também para o público em geral. Investigando a história do coletivo, encontramos também a presença constante das associadas na liderança da Oficina, assumindo diversos cargos de direção, desde o momento da formalização jurídica da Guaianases até a última equipe gestora do grupo. E analisando de modo particular o acervo litográfico da Oficina percebemos que o parque gráfico do coletivo foi permanentemente ocupado pelas artistas associadas, onde demonstraram por meio de suas gravuras, domínio de técnica e uma multiplicidade de poéticas, perpassando reflexões intimistas, memórias particulares, visões de mundo e reflexões críticas sobre a realidade sócio-político do país.

No passado, várias artistas mulheres tiveram seus nomes, trajetórias e produções excluídas da história da arte, não sendo citadas nos compêndios oficiais, nem suas obras serem selecionadas para compor os acervos das instituições de arte e cultura, legitimando uma historiografia machista e caduca, reflexo da concepção dominante em nossa sociedade durante muito séculos. Uma realidade em que a presença feminina no mundo da arte se dava exclusivamente como modelo, um elemento compositório de pinturas e esculturas, ou ainda como musas responsáveis pela



inspiração daqueles que eram legitimados socialmente como artistas. Sobre isso é pertinente lembrar o que Zaccara escreve:

Refletindo sobre esta supremacia mantida culturalmente, o papel da mulher artista na história e na historiografia ocidental da arte é a expressão de sua condição: submissão. O olhar, masculino, ditou as regras, quer ele fosse o do artista, quer o do público. Quando a mulher aparece, durante séculos de expressão, ela é tema, quase nunca autora (2021, p. 24).

Todavia, estudos atuais estão buscando preencher essa lacuna historiográfica, registrando um número cada vez maior de artistas mulheres que, em épocas, lugares e situações distintas, também assumiram com maestria e refinamento a produção artística como ofício profissional de suas vidas. Seguindo por esse caminho, nossa pesquisa evidencia a presença das artistas associadas na história da Oficina Guaianases de Gravura, demonstrando suas influências e contribuições para o coletivo e para a arte contemporânea em Pernambuco. Como é o caso de Liliane Dardot, artista mineira que residiu em Olinda entre as décadas de 1970 e 1980, fazendo da Guaianases o seu espaço de amadurecimento artístico e profissional. Nesse artigo, utilizando-se principalmente da entrevista que a artista nos concedeu em outubro de 2023, e da análise de seu acervo litográfico existente na UFPE, pontuamos algumas memórias da sua infância e juventude; sua trajetória na Guaianases e uma breve reflexão sobre suas gravuras relacionadas ao período da ditadura militar no país.

Uma artista mineira em Olinda

Liliane Dardot nasceu em Belo Horizonte – MG, no ano de 1946, numa família tradicional oriunda de Ouro Preto, que propiciou desde cedo o seu contato com inúmeras experiências artísticas, servindo de base para a profissional que se tornou anos mais tarde. Uma menina cercada de livros e tintas, de pessoas imersas nas letras e nas experiências artísticas (Veneroso, 2007, p. 29).

Sua formação escolar se deu em instituições tradicionais da capital mineira. Primeiramente, no Colégio Sacré Coeur de Jesus e, a posteriori, no Colégio Feminino Helena Guerra, onde desenvolveu na adolescência uma atenção ao que estava acontecendo na cultura e na sociedade brasileira naquele período. Como Dardot



apresenta: “A preocupação com as questões sociais era uma tônica da escola. Eu estava cursando o terceiro ano do Clássico em 1964, quando o país passou a viver a ditadura militar” (Veneroso, 2007, p. 9). Essa formação escolar favoreceu o posicionamento político da artista que se manifestaria fortemente nos seus futuros desenhos, pinturas e gravuras.

Concluindo sua educação básica, ingressou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, onde descobriu seu talento e seu fascínio pelo desenho, suscitando o intenso dilema entre assumir a postura militante nas questões sociais do país defendida pela concepção da arte engajada ou entregar-se ao seu encantamento e habilidade natural do desenho que, segundo a própria artista, nesse momento histórico, parecia ser uma técnica que se encaixava muito mais na vertente da arte pela arte. Por ter se destacado durante todo o curso, no ano que concluiu sua graduação, assumiu a disciplina de desenho na própria universidade. No entanto, o cotidiano institucional foi absorvendo a vida da artista com o acúmulo de atividades acadêmica-administrativas, afastando-a cada vez mais da sua vivência como artista profissional. Algo precisava ser feito. Uma mudança urgia em acontecer. Surge em Liliane Dardot um desejo de mudança. Desejo esse que a fez sair de Belo Horizonte para Olinda, na busca de um recomeço, de sua felicidade, de sua realização.^{iv} Após a mudança para o nordeste, pensando em trabalhar como diagramadora ou ilustradora, Liliane visitou alguns escritórios de comunicação visual e publicidade em Recife. Todavia, as propostas que recebeu não foram satisfatórias, levando-a a reformular os seus projetos profissionais.

A artista percebeu que esse era o momento oportuno para se dedicar totalmente a arte, e assim o fez. O que não demorou para ter seu talento e capacidade reconhecida na cidade, sendo premiada no XXXI Salão de Arte do Museu do Estado de Pernambuco, na categoria desenho com a obra intitulada ‘13:47?’.^v De acordo com a matéria publicada no Jornal Diário de Pernambuco, no dia 20 de setembro de 1978, foram inscritos 520 trabalhos, de 152 artistas, mas somente 8 foram premiadas(os), sendo elas(eles): Plínio Planalho; Luciano Pinheiro; Ana Maria Ivo; Gil Vicente; José Carlos Viana; Liliane Dardot; Rodolfo Mesquita; e Arnaldo Barbosa (SALÃO [...], 1978, p. B8).



A experiência na Oficina Guaianases de Gravura

Morando em Olinda, Liliane Dardot recebeu uma correspondência do seu amigo mineiro, artista visual, escritor e crítico de arte, Marcio Sampaio, que precisava comunicar-se urgentemente com João Câmara. Na carta, o amigo pediu que Liliane encontrasse o referido artista, entregando-lhe a correspondência em suas próprias mãos. O que aconteceu pouco tempo depois. Nesse primeiro encontro, após as devidas apresentações, João Câmara aproveitou a oportunidade para convidar a artista mineira para participar da experiência coletiva que estavam desenvolvendo no atelier da Rua Guaianases. Sobre esse convite, a artista relatou:

Por conta da carta desse meu amigo, Marcio Sampaio. Que ele era artista, poeta e também crítico de arte. Então ele precisava de uma comunicação com João Câmara, mas não tinha o endereço dele. Sabia que eu estava morando lá. Mandou pra mim, pedindo pra eu entregar. Aí eu entreguei. Aí o João falou desse grupo que tava funcionando lá na casa. Aí eu cheguei lá. Aí conheci. Nessa época já tinha um grupo ali funcionando, eu acho que há uns dois anos. Já tinham feito exposição. Era uma casa muito singela. Quando chovia muito, até alagava. (risos) Você ouviu essa história? (risos).^{vi}

Ela não imaginava que esse convite marcaria profundamente a sua trajetória artística. Em pouco tempo, a artista foi se sentindo acolhida pelo grupo guaianases, engajando-se profundamente nos projetos e no cotidiano do coletivo. Na entrevista que gentilmente nos concedeu, quando a questionamos se tinha vivido alguma situação de preconceito na Guaianases, pelo simples fato de ser mulher, a resposta da artista nos impressionou. Segundo Dardot, não havia qualquer lembrança negativa ligada ao machismo dentro da Oficina, ocorrida com ela ou com qualquer outra associada. Na sua nova vida em Olinda, somente o que lhe inquietava era uma sensação de ser estrangeira pelas diferenças regionais que ela trazia em si. O que não a impedia de sentir-se acolhida pelas pessoas, de modo especial, por seus pares na Guaianases (Veneroso, 2007, p. 38).

Liliane se dedicou com afinco à experiência coletiva, aprendendo coisas novas, trocando conhecimentos com outras(os) gravadoras(es), produzindo litografias monocromáticas que se diferenciavam dos seus desenhos a lápis de cor, mas dialogavam quanto aos temas que eram trabalhados. Essa produção levou-a à sua 1ª



mostra individual de desenhos e litografias, na Galeria 3 Galeras, localizada no Alto da Sé, em Olinda, aberta ao público em 17 de dezembro de 1978. Pertinente as palavras que o artista pernambucano Montez Magno escreveu para o catálogo da exposição, e que foram transcritas em reportagem no Diário de Pernambuco, dois dias antes da evento:

Liliane Dardot é mineira, de origem francesa. Essa é a sua primeira mostra individual. Esse último dado é importante por que revela a ausência de estrelismo. Ela recusa a facilidade e a leviandade comuns em muitos "artistas" que, mal apetrechados, imaturos, se lançam avidamente em busca de sucesso, um falso e artificial sucesso. (DESENHISTA [...], 1978, p. B8).

A artista mineira viveu plenamente na Oficina Guaianases todas as oportunidades que surgiram a sua frente. A sua curiosidade levou-lhe a participar dos cursos de litografia básica e avançada, ministrados por João Câmara, em 1981; e José Carlos Viana, em 1984, respectivamente.^{vii} Numa busca de compartilhar o que sabia com quem quisesse aprender, não tardou a ministrar, geralmente na sede da Guaianases, seus próprios cursos de litografia e de desenho.

Segundo a artista, o processo de aprendizagem na Oficina acontecia a todo momento, de modo informal, espontâneo, de um membro do coletivo para o outro, seja artista ou impressor. Acreditamos que os cursos aconteciam na Oficina por dois motivos principais: O primeiro seria pelo ingresso de várias(os) associadas(os) iniciantes num mesmo período, onde os cursos tornavam-se ferramentas eficazes de compartilhamento de informações básicas sobre as técnicas de gravuras. O outro motivo, inclusive pontuado pela própria Dardot, seria a diminuição na frequência das(dos) artistas no setor de produção da oficina. Neste caso, os cursos eram oferecidos como uma estratégia para motivar novos ingressos no coletivo. Interessante escutar a própria gravadora:

Os cursos eram oferecidos quando precisava trazer mais gente, sabe?! A ideia era essa: trazer mais pessoas e, também de ampliar. Vamos dizer, porque a base da litografia é o desenho a lápis ou à tinta. Mas tem outras técnicas diferentes: tem aguadas; tem a impressão de cores; queimas com ácidos.^{viii}



Liliane Dardot também esteve presente em diversas diretorias da Guaianases. Partindo da análise dos documentos administrativos do coletivo, descobrimos que a artista foi 2ª Tesoureira na primeira gestão da Oficina, em 1979. Em seguida, assumiu a Direção Técnica-Administrativa, em 1982. Na terceira equipe gestora, foi eleita Diretora Presidente e, em 1988, assumiu ainda a direção artística da Oficina. Quando perguntamos como tinha sido a experiência como gestora de um coletivo como a guaianases, a artista nos respondeu: “É sempre um desafio pra mim, porque eu não tinha experiência nenhuma nessas áreas. Precisava de alguém (risos) e eu encarava! (risos) E foi um aprendizado também pra mim”.^{ix} Perguntamos ainda como tinha sido, segundo o seu ponto de vista, o acolhimento dos artistas homens à realidade de uma mulher como diretora-presidente do grupo. Para Dardot, não houve resistência por parte de qualquer associado da Oficina à sua eleição pelo fato de ser mulher. Ao contrário, a artista sempre se sentiu acolhida por todos os membros do coletivo. Em suas palavras:

Olha! Pra falar a verdade, tem muito esse discurso da mulher. Comigo não aconteceu nada disso. Inclusive, assim, vários artistas me deram muito apoio. Então você vê: o Luciano Pinheiro fez contato para essa minha primeira exposição (risos). Quem mais? O João Câmara me ensinou as técnicas e a própria proposição da ideia da sociedade. O Raul Córdula fez um texto pra uma exposição minha no Rio de Janeiro. Petrônio Cunha fez o projeto gráfico do catálogo para uma exposição minha em Belo Horizonte. Então, assim, não havia diferença. E sempre tive a colaboração. Zé Carlos Viana, a gente trabalhou muito em equipe.^x

Em 1989, por questões pessoais, Liliane Dardot decidiu retornar para Belo Horizonte, encerrando assim a sua experiência na Oficina Guaianases, levando consigo todas os ensinamentos que havia assimilado, todos os laços de amizade que havia construído; todas as experiências artísticas que havia vivido. Estava voltando uma Liliane com novas poéticas; livre dos dilemas entre ‘arte política’ e ‘arte pela arte’; ansiosa por mais uma mudança em sua vida. Como a própria artista expressou: “Eu sabia que não seria fácil, pois seria um outro recomeço!”.^{xi} E assim, com sua coragem inata, ela foi.



A denúncia de um período sombrio

Desde cedo, Liliane Dardot desenvolveu uma aguçada consciência crítica sobre a realidade política e social do país, se utilizando da sua produção artística como um meio de comunicação com as outras pessoas sobre o seu ponto de vista em relação aos sérios problemas sociais de perseguição, tortura, opressão, silenciamento, assassinato e tantas outras atrocidades que aconteceram no período da ditadura militar brasileira. Na entrevista, tivemos a oportunidade de perguntar a própria artista se suas gravuras tratavam de relatos históricos, o que ela nos respondeu:

Entrevistador: eu vi que algumas gravuras suas, parece que você está querendo contar uma história. [...] Daí eu lembrei muito da Usina de Arte, em Água Preta - PE. Onde você fez uma pesquisa historiográfica. E trabalha a obra em cima dessa pesquisa. Você estava contando uma história nessas gravuras também?

Artista: Nessa época era uma coisa mais (breve pausa), vamos dizer (breve pausa), era o clima. Eu não fiz pesquisa. Eu nem sabia que ia fazer uma série.

Entrevistador: Você estava refletindo sobre a ditadura?

Artista: Totalmente. Então nessa época [...] geralmente eu via uma foto na revista, no jornal. Mas o desenho partia da situação, e não uma reprodução da imagem fotográfica. Então, assim, a foto era o ponto de partida. [...] E era uma época em que as publicações eram censuradas. Então eram fragmentos.^{xii}

Ou seja, as imagens do cotidiano impressas nos periódicos de livre circulação, que manifestavam ‘o clima’ de opressão, censura e perseguição impostos naquela época serviam como ponto de partida para a reflexão da artista, fornecendo os elementos pictóricos que comporiam as suas gravuras, denunciando de modo velado a experiência nociva da ditadura militar na vida de inúmeras(os) brasileiras(os) que se opuseram às atrocidades do regime. Desse modo, as gravuras de Dardot também se tornaram um registro do que estava acontecendo no país e do posicionamento político da artista perante a realidade nacional. Sem se tornar panfletária, a artista buscava que o público conseguisse se reconhecer em suas obras, percebendo semelhanças entre as mensagens cifradas naquelas gravuras e a realidade social em que estava inserido. Como Zaccara escreve: “É preciso entender que, em sua poética, a política não se transforma em panfleto. Ela evoca cenas frequentemente observadas na



cidade pela artista, fazendo com que muitos espectadores se identifiquem com elas (2017, p. 111)

Unindo as gravuras desse período temos impressão de que as mesmas desejam narrar uma história, um acontecido, uma trama que por algum motivo não pode ser falado de modo claro e aberto. Cada gravura torna-se um retrato, um recorte temporal de um todo terrível e escondido, que transcorre em segredo pelos poderosos para que a farsa se mantenha.



Imagem 1 – Liliane Dardot. Amanhã de manhã. Litografia, 50 cm X 35 cm, S/D.
Fonte: Otero, 2008, p. 177.



Imagem 2 – Liliane Dardot. Fica registrada a ocorrência. Litografia, 70 cm X 50 cm, 1979.
Fonte: Otero, 2008, p. 183.



Como na Imagem 1, em que um corpo está se despindo, envolto num ambiente sombrio, deixando-nos a dúvida sobre o que iria acontecer em seguida. Já na Imagem 2, apresenta no mesmo ângulo um homem apoiado em outras duas pessoas, demonstrando sua fraqueza e incapacidade de ficar de pé sozinho. Se olharmos para essas duas gravuras como uma sequência de fatos, podemos dizer que a artista não retrata o momento da violência em si, mas os momentos que precedem e sucedem, como uma denúncia cifrada utilizada em momentos de risco eminente.



Imagem 3 - Liliane Dardot. Reconstituição. Litografia, 70 cm X 50 cm, S/D.
Fonte: Otero, 2008, p. 182.

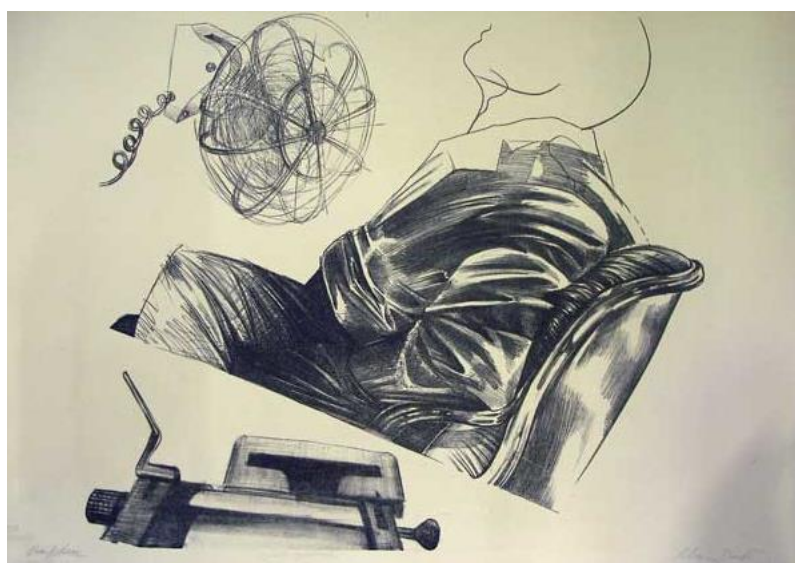


Imagem 4 – Liliane Dardot. Segundo expediente. Litografia, 100 cm X 70 cm, 1979.
Fonte: Otero, 2008, p. 184.



A Imagem 3 nos sugere uma ação que ainda está acontecendo, por meio da gravura que ainda não está concluída, mas que já podemos sentir a atmosfera de inquietude e desespero que o sujeito sente em sua pele. A artista utiliza essa mesma estratégia de ‘obra não concluída’ na Imagem 4, em que ilustra um personagem confortavelmente instalado num ambiente administrativo, mantido no anonimato pelo rosto que se encontra somente rascunhado, assumindo declaradamente uma postura da omissão diante do momento pelo gesto das mãos hermeticamente escondidas nos bolsos.^{xiii}

Como nas obras anteriores, na Imagem 5, Dardot materializa a vivência do caos por meio das vestimentas amassadas; dos óculos quebrados ao vento e do revolver desconstruído no preciso momento de seu disparo. A maior parte dessas gravuras ilustram faces humanas com suas bocas cerradas, talvez como manifestação do grito contido; da dor engolida; da frase não dita, do medo escondido. E nessa realidade de silenciamento e opressão, a produção artística de Liliane ecoa, de modo cifrada, as denúncias proibidas de serem declaradas.

O questionamento político existente nas gravuras de Dardot vai além das atrocidades cometidas pela ditadura militar. É também uma crítica sobre a realidade social cotidiana, consumista, individualista, impositiva, cercada de censuras e proibições. Como Paulo Azevedo Chaves escreveu:

A obra de Liliane Dardot é social e politicamente engajada apenas na medida em que denuncia as repressões de toda ordem que cerceiam e inibem os indivíduos em sua maneira de agir na comunidade em que vivem; as pressões massificadoras exercidas sobre o homem contemporâneo pela propaganda, pelos veículos de comunicação de massa; os desvãos em que se ocultam obrigatoriamente os desvios do comportamento humano dos caminhos pré-traçados pela maioria silenciosa, numa medíocre e mediocrizante sociedade pequeno-burguesa com tendências totalitárias. É a obra de uma humanista no sentido filosófico da palavra. (Chaves, 1979, p. C-8).



Imagem 5 - Liliane Dardot. Imprevisto. Litografia, 70 cm X 50 cm, S/D.
Fonte: Otero, 2008, p. 182.



Imagem 6 - Liliane Dardot. Alô. Litografia, 70 cm X 50 cm, S/D.
Fonte: Otero, 2008, p. 181.

Algumas obras carregam uma atmosfera de segredo e expectativa, como na gravura 'Alô' (Imagem 6) em que a personagem segura um telefone próximo ao ouvido, enquanto nos encara silenciosamente. Observando essa gravura, podemos nos perguntar: A personagem está aguardando que a ligação seja atendida? Ou já escuta alguém que fala naquele momento? Boas notícias? Uma denúncia ou uma delação? Uma mensagem de carinho que fortalece a jornada ou uma ameaça que paralisa pelo pavor do fim próximo? As perguntas são inúmeras como também são múltiplas as



possíveis respostas para cada uma delas. Mas o desejo de dias melhores se faz presente no colibri que também nos mira. Se num momento podemos pensar que ele está morto, logo o posicionamento de suas asas nos alerta que ele está vivo e ativo em pleno voo.



Imagem 7 - Liliane Dardot. Grito. Litografia, 70 cm X 50 cm, S/D.
Fonte: Otero, 2008, p. 181.

Os títulos das gravuras de Liliane Dardot são também importantes chaves de leitura e de fruição estética, endossando o que as imagens gravadas já apresentam, como na obra 'Fica registrada a ocorrência' (Imagem 2) da agressão sofrida por alguém que está sendo carregado; ou na gravura intitulada 'Reconstituição' (Imagem 3) em que relaciona o desenho inacabado da obra com o fato histórico que ainda não está completamente revelado. Em alguns casos, os títulos tornam-se muito mais importantes, pois relevam o direcionamento que a autora aspirava com as respectivas gravuras. Como exemplo disso, podemos citar a Imagem 7, cujo título 'Grito' acentua a angústia e a dor presentes na face que se esconde atrás das mãos, numa busca de



proteção contra a realidade que se desdobra a sua frente. Ou ainda, a gravura chamada “Anistia” (Imagem 8), que empodera a mão aberta erguida ao infinito e manifesta agora um grito de força, de esperança e da alegria que estava por vir.



Imagem 8 – Liliane Dardot. Anistia! Litografia, 70 cm X 50 cm, S/D.
Fonte: Otero, 2008, p. 181.

Nos gestos artísticos atuais, as influências do passado

No acervo da Oficina Guaianases de Gravura encontram-se 105 trabalhos assinados por Liliane Dardot, manifestando o profundo conhecimento da artista em relação à diversidade de técnicas e materiais que podem ser utilizados na produção litográfica. Obras que manifestam os diversos temas trabalhados pela gravadora mineira, como sua crítica sobre a realidade político-social do país; as lutas e conquistas do feminino no cotidiano; a valorização do meio ambiente, entre outras questões.

Hoje em dia, alguns desses temas ainda encontram-se presentes na produção de Liliane Dardot^{xiv}. Como na instalação assinada pela referida artista para a Usina de Arte, em Agua Preta – PE (Imagem 9). Formada por três grandes placas de vidros, fincadas no chão ao ar livre, em contato direto com toda a natureza presente em seu entorno. Tais painéis translúcidos apresentam desenhos monocráticos da artista que reportam à história de uma revolta ocorrida naquele lugar, na década de 1830, em que negros, brancos e indígenas se reuniram contra as opressões da regência. São



faces humanas dotadas de traços regionais e exemplos da vegetação local que se entremeiam e se movem na paisagem externa à medida que o observador da instalação se desloca. Desde que retornou à Belo Horizonte, Liliane Dardot dedicou-se muito mais a pintura do que a gravura, mas manteve sua atenção as questões sociais e ambientais, instigando no público por meio de sua produção artística a necessidade de conhecer mais sobre sua história, e assim tornar-se ciente de sua participação e compromisso com o outro e com o mundo a sua volta.



Imagem 9 - Cabanos em Matas de Água Preta. 2019. Instalação Artística no jardim botânico da Usina de Arte – Água Preta – PE, composta por 3 lâminas de vidro temperado com desenhos impressos em tinta cerâmica. Fonte: Site da Usina de Arte. Disponível em: <http://www.usinadearte.org/artista-liliane-dardot> . Acesso em: 24 abr. 2024.

Referências

CÂMARA, João. **João Câmara: 18.250 dias**. São Paulo: J.J.Carol Editora, 2010.

_____. **Litografias de João Câmara**. São Paulo: J.J.Carol Editora, 2015.

CHAVES, Paulo Azevedo. Focalizando Liliane Dardot artista mineira radicada em Olinda. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. C8, 17 jul. 1979. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=Dardot&pagfis=138902 . Acesso em: 22 abr. 2024.

_____. Pernambucanos premiados no 36º Salão paranaense. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. C-8, 13 nov. 1979. Disponível em:



https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=Dardot&pagfis=145544 . Acesso em: 22 abr. 2024.

DESENHISTA mineira fará 1ª mostra no alto da sé. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. B8, 15 dez. 1978. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pesq=Dardot&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=127938 . Acesso em: 22 abr. 2024.

LILIANE Dardot: Cabanos em matas de Água Preta. **Usina de Arte**, 2019. Disponível em:
<http://www.usinadearte.org/artista-liliane-dardot> . Acesso em: 19 abr. 2024.

LIMA, Guilherme Cunha. **O Gráfico Amador**: As origens da moderna tipografia brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MUSEU promove mostra retrospectiva de artes em pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. B-8, 14 fev. 1979. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=Dardot&pagfis=130990 . Acesso em: 22 abr. 2024.

OTERO, Mercedes (org.). **Coleção Histórica da Oficina Guaianases de Gravura**. Recife: Nectar, 2008.

SALÃO oficial de arte acolherá todo tipo de expressão artística. **Diário de Pernambuco**, Recife, , p. B-8, 20 set. 1978. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pesq=Dardot&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=123664 . Acesso em: 22 abr. 2024.

SIQUARA, Carlos Andrei. Olhar afinado pela litografia. **O Tempo**, 2015. Disponível em:
<https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/olhar-afinado-pela-litografia-1.1083079> . Acesso em: 22 abr. 2024.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **Liliane Dardot**: Depoimento. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

ZACCARA, Madalena (Org.). **De Sinhá Prendada a Artista Visual**: os caminhos da artista mulher em Pernambuco. Recife: Editora do organizador, 2017.

_____. **Mulheres artistas brasileiras na École de Paris**: entre a academia e as vanguardas. Curitiba: CRV, 2021.

Notas

ⁱ Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia – UFBA; Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Licenciado em Filosofia pela mesma universidade; Tecnólogo em Sistemas para Internet pela Faculdade Marista do Recife; Professor de Artes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, Campus Jaboatão dos Guararapes. E-mail: adrianocarvalho.artes@gmail.com . Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/9887295558203070>.

ⁱⁱ Gastão de Holanda foi um dos fundadores do "Gráfico Amador", coletivo artístico pernambucano que surgiu em 1954, tendo como objetivo principal a publicação de seletos textos literários, impressos com uma maestria estética,



diferenciando-se das outras produções gráficas, marcando sua presença na história da tipografia moderna no nordeste. O grupo uniu intelectuais de diversas áreas como o romancista armorial Ariano Suassuna, o designer gráfico Aloísio Magalhães; a arte-educadora Ana Mae Barbosa; o poeta Carlos Pena Filho; o ceramista Francisco Brennand, o dramaturgo Hermilo Borba Filho dentre outras(os) intelectuais (Lima, 1997, p. 14).

iii Atualmente, as prensas, as pedras e vários outros equipamentos da Guaianases encontram-se sob a guarda do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística, no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Enquanto que o acervo artístico da Oficina, composto por mais de 2000 gravuras, encontra-se devidamente preservado no Memorial Denis Bernardes na Biblioteca Central da mesma universidade.

iv Segundo a própria artista, pouco tempo antes dessa mudança, ela e seu esposo, Humberto Carneiro, haviam visitado Pernambuco a passeio, suscitando em ambos novos planos para o futuro do casal. Desse modo, venderam os imóveis que tinham em Minas Gerais e, em 1978, se mudaram para o centro histórico de Olinda. Essas informações foram extraídas da entrevista que Liliane Dardot nos concedeu no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

v Vale salientar que, em fevereiro de 1979, a obra premiada da jovem artista Liliane Dardot foi selecionada para compor a exposição comemorativa pelos 50 anos do Museu do Estado, principal instituição de arte e cultura da capital pernambucana naquele momento (MUSEU [...], 1979, p. B8).

vi Entrevista concedida pela artista no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

vii Informações extraídas dos documentos administrativos da própria Oficina Guaianases de Gravura.

viii Entrevista concedida pela artista no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

ix Entrevista concedida pela artista no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

x Entrevista concedida pela artista no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

xi Entrevista concedida pela artista no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

xii Entrevista concedida pela artista no dia 05 de outubro de 2023, em seu atelier na cidade de Belo Horizonte.

xiii Com a litogravura 'segundo expediente', Liliane Dardot recebeu o prêmio CAVO (15 mil cruzeiros) no XXXVI Salão Paranaense, realizado em 1979, no Teatro Guaíra, na cidade de Curitiba (CHAVES, 1979, p. C-8).

xiv A experiência vivida por Liliane Dardot no campo da gravura também marcou o seu processo de criação hodierno. A própria artista reconhece a interferência que a litografia exerce na construção de sua pintura em camadas e no modo como administra a sobreposição das cores em suas obras propondo uma visão não naturalista (SIQUARA, 2015). Influência advinda de mestres que cruzaram o seu caminho, como a gravadora mineira Lotus Lobo e o pernambucano João Câmara Filho